

## HISTÓRIA, LITERATURA E DITADURA: O CASO JOÃO PAZ EM INCIDENTE EM ANTARES

Daniela Freitas Torres<sup>1</sup>  
Elaine dos Santos<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo foi elaborado a partir do trabalho de conclusão de curso “História, Literatura e Ditadura – O Caso João Paz em *Incidente em Antares*”, apresentado para a obtenção do grau de licenciatura em Letras. O estudo trata de uma possível leitura de crítica do regime ditatorial militar das décadas de 60 e 70, no século XX, no Brasil, através da personagem João Paz, no romance *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo. A pesquisa, de cunho bibliográfico, tem embasamento em teóricos da atualidade que tratam de temas relacionados à História e à Literatura de nosso país. A pesquisa volta-se para considerações sobre esses dois temas, fazendo uma análise da construção da personagem João Paz e realizando um estudo que relaciona os acontecimentos da ficção com os fatos que foram vivenciados pela sociedade brasileira nas décadas de 60 e 70.

**Palavras-chave:** Ditadura Militar – Crítica – Incidente em Antares

### Abstract:

This article refers to a possible critic of the Brazilian military and dictatorial regime in the 1960's and 1970s, through the eyes of João Paz, a character in the novel of Erico Verissimo, *Incidente em Antares*. The research, from a bibliographic point of view, has been based on recent theories that relate to facts in the History and Literature of our country. The research is based on those two contexts, analyzing the construction of the character and relating the fiction with the happenings that were experienced by the Brazilian society in those days.

**Keywords:** dictatorial regime – critic - Incidente em Antares

## INTRODUÇÃO

Demonstrar a crítica ao regime ditatorial brasileiro nas décadas de 60 e 70, do século XX, que se expressa na obra *Incidente em Antares*<sup>3</sup>, de Erico Verissimo, constitui o principal objetivo deste trabalho. Para pesquisar a possível existência dessa crítica, a personagem João Paz será a figura central, devendo evidenciar a violência cometida contra aqueles que eram contra o regime militar, demonstrando a maneira como a literatura tematizou a história do período.

A personagem João Paz foi escolhida para essa pesquisa porque apresenta características que o apontam como um ser-estereótipo que representou, na ficção, a figura

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Professora de Língua Portuguesa – danielafortres@uol.com.br

<sup>2</sup> Professora Mestre em Literatura Brasileira e orientadora do presente trabalho

<sup>3</sup> Para a realização desse trabalho foi utilizada a 39ª edição do romance *Incidente em Antares*, publicada em 1994.

dos perseguidos e presos políticos na época do regime ditatorial, das décadas de 60 e 70, do século XX, no Brasil.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **I GOVERNOS DITATORIAIS**

De acordo com Luft (2003, p.251), ditadura “é a forma de governo em que o poder legislativo e, até certo ponto, o judiciário, se encontram no executivo. Tirania, despotismo, autoritarismo”. E, conforme Gaspari (2002), foi essa forma de poder que governou o Brasil no período de 1964 a 1985.

No caso da ditadura brasileira, ainda em conformidade com o autor mencionado, que foi imposta através da violência, após o golpe de estado de 1964. O medo daqueles que estavam no poder, os militares, de serem depostos por civis que estavam em desacordo com o seu meio de governar, fez com que os governos ditatoriais fossem fortemente permeados pela insegurança e pela perseguição a diversos segmentos da população que poderiam ser considerados contra o regime militar.

Conforme Gaspari (2002), a maneira como os militares tomaram o poder fugia da legalidade e os reflexos dessa atitude não tardariam a refletir-se na vida da população brasileira.

### **II CONSEQÜÊNCIAS DOS REGIMES DITATORIAIS NO BRASIL**

No documentário *Brasil: nunca mais*<sup>4</sup> é relatado que, após a derrubada do presidente João Goulart, a República Militar suprimiu as liberdades democráticas e impôs um modelo concentrador de rendas e aberto ao capital internacional. A República Militar, de acordo com o estudo, em seus 21 anos de existência, modernizou a economia brasileira a custa do sacrifício de setores populares e da ampliação da dependência em relação ao capital estrangeiro, além de uma constante perseguição aos que poderiam ser contra essa forma de governo.

---

<sup>4</sup> Para referencial teórico sobre a Ditadura Militar no Brasil usa-se a 6ª edição do documentário *Brasil: nunca mais*, editado no ano de 1985.

Os órgãos de segurança, sem respeitar limites da dignidade da pessoa humana, conseguem importantes vitórias na luta contra as organizações de luta política clandestina. Todos os resultados colhidos na pesquisa Brasil: nunca mais confirmam as denúncias formuladas no período Médici, por entidades de Direitos Humanos, a respeito de torturas, assassinatos de opositores políticos, desaparecimentos, invasões de domicílio, completo desrespeito aos direitos do cidadão e da inobservância da própria legislação criada pelo regime. (BRASIL..., 1985, p.63)

Sobre a perseguição e as sevícias executadas contra aqueles que poderiam representar alguma ameaça, Gaspari (2002, p. 134) faz a seguinte observação:

Não se trata mais de espancar o notório dirigente comunista capturado no fragor do golpe. A tortura passa a ser praticada como forma de interrogatório em diversas guarnições militares. O instrumento desse combate eram os inquéritos policiais militares (IPMs). (GASPARI, 2002, p. 134)

Além das torturas, o documentário já citado traz informações sobre as mudanças na política econômica do Brasil que, segundo aquele estudo, foram profundas. O aumento da dependência do capital estrangeiro e o conseqüente endividamento externo, além do cerceamento da liberdade, da imposição da censura e do controle da estrutura partidária foram outras alterações sofridas pelo Brasil durante o período da Ditadura Militar.

### III HISTÓRIA E LITERATURA

Para Luft (2003, p.369), História é:

Narração metódica dos fatos políticos, sociais, econômicos e culturais notáveis na vida dos povos e da humanidade em geral. Conjunto de livros e autores que narram esses fatos. Estudo da origem e desenvolvimento de uma arte ou ciência. Narração, narrativa, conto. Invenção, mentira. Afetação; fingimento.

Conforme Veyne (1998, p.18), “os eventos históricos são apreendidos de forma incompleta e lateral”, ou seja, a História é contada em consonância com a visão de um determinado indivíduo. O mesmo estudioso informa que “assim como no romance [literatura], a história seleciona, simplifica” (Veyne: 1998, p.18).

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco faz o romance (...). Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos. (VEYNE, 1998, p. 18)

Da mesma forma que a História, a Literatura é uma narrativa de eventos (uma forma de contar fatos que podem ser reais ou fictícios). Para Veyne (1998), a literatura, bem como a História, seria um “recorte” de um determinado acontecimento. A produção literária, portanto, também é lateral, baseando-se na versão do autor que a produz.

#### **IV A LITERATURA NO BRASIL DITATORIAL**

A produção literária, no Brasil, conforme Seligmann-Silva (2003), durante o período ditatorial foi fortemente influenciada e/ou reprimida pelo fechamento político que caracterizou os regimes militares nas décadas de 60 e 70, do século XX. Com isso as obras produzidas, nesse espaço de tempo, sofreram, de alguma forma, a influência de uma sociedade que estava vivendo os “anos de chumbo”, que foi o período em que o Brasil foi governado pelos militares.

Como consequência desse período truculento e sombrio de nossa história política recente, uma das questões que se impõe ao pensamento que, de um modo ou de outro, tenta se opor à versão oficial dos acontecimentos é a de investigar como a produção cultural – particularmente literária – configurou essas atrocidades perpetradas à época da ditadura militar no país (1964-1985) e como reagiu – literariamente, é claro – a elas. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 357)

Essa “reação literária” remete as obras de caráter crítico que foram produzidas no período de fechamento político no Brasil. Como exemplo desses trabalhos, Seligmann-Silva (2003) inclui o romance *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo.

#### **V LITERATURA E MEMÓRIA – JOÃO PAZ COMO CORPORIFICAÇÃO DA CRÍTICA**

Franco (2003) relata que a literatura é um dos meios de arte que o homem teve e tem, até hoje, para criticar e impor resistência frente aos acontecimentos e às catástrofes históricas. Conforme o estudioso, a Ditadura Militar brasileira, foi uma dessas “catástrofes históricas”, pois resultou em um grande período de cerceamento da liberdade individual e social no Brasil.

Partindo desse princípio, Franco (2003) afirma que a resistência e a necessidade de criticar essas “catástrofes” motivaram vários autores a utilizarem a literatura para analisar esse regime de centralização do poder que dizimou centenas de vidas em nosso país em nome da ordem e da segurança nacional.

A arte, nesse sentido, pode ser considerada uma forma de resistência e compreende uma dimensão ética, enquanto manifestação de indignação radical diante do horror. Como ela porém, pode apenas resistir à lógica embrutecedora da sociedade, mas não eliminá-la, a possibilidade de que a catástrofe venha novamente a ocorrer é sempre uma ameaça real. (FRANCO, 2003, p.356)

A partir das afirmativas de Franco (2003), é possível elaborar uma reflexão – quanto à personagem João Paz, do romance *Incidente em Antares*, frente aos abusos da Ditadura Militar e prosseguir o estudo sobre esse mesmo romance. Ao analisar as considerações de Franco (2003), pode-se inferir que o fazer literário, nas décadas de 60 e 70, no Brasil, era uma tarefa extremamente comprometedor, pois o escritor deveria ser um engajado político, que defendesse os ditadores ou então teria sua obra retirada de circulação por meio da censura.

Dessa maneira, *Incidente em Antares*, que foi escrito no ano de 1971, deveria ser posicionado politicamente. Entretanto, seu autor, Erico Verissimo, valeu-se de diversos artifícios, como situar o acontecimento do incidente antes dos militares tomarem o poder, ou ainda dar voz aos mortos, para driblar a censura e, dessa maneira, produzir uma obra onde houvesse uma crítica ao regime em vigor.

## VI INCIDENTE EM ANTARES

Zilberman (2005) afirma que *Incidente em Antares* (1971), apesar de ser composto de duas partes: I – Antares e II – Incidente, apresenta rigorosa unidade, sobretudo porque a História, marca do primeiro segmento, está presente com a mesma intensidade no segundo.

A autora menciona que a primeira parte do livro é dedicada a retomada histórica e sociológica do povoamento da cidade de Antares. Enquanto isso, na segunda parte:

O tempo narrativo, até então dedicado à “longa duração”, pois cobre mais de 150 anos da primeira parte, concentra-se agora em menos de 48h, restringindo-se a fatos imediatamente anteriores ao incidente no dia 13 de dezembro de 1963, explica o foco principal: a greve geral programada pelos trabalhadores de Antares inclui o grupo de coveiros, que se recusa a abrir o cemitério e a sepultar os sete mortos falecidos na véspera, mesmo que entre eles se incluía D. Quitéria Campolargo, figura de proa na cidade. Outro morto eminente é o bacharel Cícero Branco; acompanham-nos o músico Menandro Olinda, o sapateiro anarquista Barcelona, a prostituta Erotildes, o marginal Pudim de Cachaça e o perseguido político João da Paz (ZILBERMAN, 2005, p.82).

Os mortos, insepultos, adquirem “vida” e reivindicam que seu enterro se proceda de forma regulamentar. Como não têm seu pedido atendido, os sete cadáveres passam a vasculhar a vida dos parentes e amigos, descobrindo, com isso, as hipocrisias moral e política da sociedade em questão.

Apesar das acusações feitas pelos cadáveres, após o enterro, a população antarense volta para as suas casas como se nada tivesse acontecido, e todos seguem suas vidas, normalmente. Esse esquecimento se configura quando o coronel Tibério Vacariano, uma das personagens centrais do romance, propõe um grande churrasco para promover uma “operação borracha” sob os acontecimentos que haviam assolado Antares.

Conforme Chaves (1976) como já era costume de Erico Verissimo, em *Incidente em Antares*, mais uma vez deu voz e vez a excluídos sociais, como a prostituta, o bêbado, o anarquista e o perseguido político, que, na sociedade real, são marginalizados.

Em sua obra [livros de Erico Verissimo em geral] o regionalismo nomeou e constitui literalmente uma região, a investigação histórico-social projetada na falência do liberalismo, foi a voz e a consciência da classe média brasileira, de suas aspirações, das suas contradições e do seu fracasso no caso do regime democrático; (...) esta problemática se vinculou à observação da crise do homem contemporâneo, expressa sobretudo na perda da identidade individual e na carência da ação (CHAVES, 1976, p. 136).

O artifício de dar voz às camadas mais “baixas” da sociedade, conforme as considerações de Chaves, permite-nos inferir que ele é utilizado por Verissimo para demonstrar o quanto a sociedade gaúcha e brasileira em geral estavam perdendo sua identidade, deixando-se dominar por um regime totalitário (Ditadura Militar), abdicando de muitos de seus direitos. Já a carência de ação por parte da sociedade contra os abusos desse regime, como descrito por Chaves (1976), acabou fazendo com que durante mais de 20 anos, a população brasileira vivesse sob o comando de ditadores, sem questionar ou reagir a essa forma de governo tão repressiva.

## VII A PERSONAGEM JOÃO PAZ

Uma das personagens que integram o universo romanesco de *Incidente em Antares* é João Paz, ou “Joãozinho Paz”, como era conhecido em Antares.

- Este é o João Paz, jovem inteligente e idealista. Levou muito a sério o sobrenome e tornou-se um pacifista ardoroso. Organizou em Antares um comício contra a participação dos Estados Unidos na tentativa de invasão de Cuba. A polícia dissolveu-o a pauladas. Joãozinho foi preso, uma semana na cadeia, foi solto... tornou a ser preso (...) (VERISSIMO, 1994, p. 238).

Como pode ser observado, através da narrativa, João Paz, em *Incidente em Antares*, representou uma espécie de “bode expiatório do comunismo” que estava sendo duramente perseguido durante as décadas de 60 e 70, devido a Ditadura Militar instalada no Brasil. O

fato de ter sido preso várias vezes reforça a idéia de perseguição sob as acusações do delegado Inocêncio Pigarço de que Joãzinho era líder de uma facção ligada aos subversivos.

Considerado um homem esquerdista pelos demais personagens do romance, João Paz é taxado de comunista na sociedade conservadora de Antares. Joãzinho defendia o socialismo e lutava por uma ordem social mais justa. Evidentemente, esse progressista chocou-se com os interesses da aristocracia dominante e foi duramente perseguido.

## VIII JOÃO PAZ E AS TORTURAS

Na obra *Incidente em Antares*, as torturas sofridas por João Paz são conhecidas através das denúncias póstumas, feitas pela personagem Cícero Branco:

Num certo dia deste mesmo dezembro João Paz foi preso sob a falsa acusação de estar treinando secretamente na nossa cidade um bando de dez guerrilheiros esquerdistas do qual ele era supostamente o chefe. Sua prisão foi efetuada da maneira mais irregular. João Paz foi levado para o famoso porão da nossa delegacia onde se processam os interrogatórios mais brutais. Inocêncio Pigarço fez perguntas ao prisioneiro, ordenou-lhe que dissesse o nome dos outros dez “membros do grupo”. Joãzinho negou-se a isso porque nada sabia, pois tal grupo não existe em Antares! Inocêncio Pigarço entregou o “subversivo” aos cuidados de seu “especialista” em interrogatórios, o famigerado Boquinha de Ouro (...) (VERISSIMO, 1994, p. 368).

A descrição demonstra, na ficção, a maneira como aqueles, tidos como subversivos ao regime ditatorial, eram tratados durante a Ditadura Militar. Dessa maneira, a figura de João Paz revela como os prisioneiros políticos eram conduzidos às delegacias e “convidados a prestar esclarecimentos”.

Segundo a narrativa *Incidente em Antares*, durante o interrogatório, João Paz foi vítima de torturas que foram realizadas como forma de fazer com que o suspeito confessasse ser o chefe do grupo dos onze de Antares. Detalhes da tortura vêm denunciados pelo personagem-cadáver Dr. Cícero Branco, na praça de Antares:

Vem então a fase requintada. Enfiam-lhe [em João Pa] um fio de cobre na uretra e outro no ânus e aplicam-lhe choques elétricos. O prisioneiro desmaia de dor. Metem-lhe a cabeça num balde d’água gelada, e uma hora depois, quando ele está de novo em condições de entender o que lhe dizem e de falar, os choques elétricos são repetidos (...) (VERISSIMO, 1994, p. 369).

O relato das torturas sofridas pela personagem João Paz remonta aos abusos cometidos durante a Ditadura Militar contra aqueles que poderiam representar algum tipo de ameaça a esse regime.

Até mesmo a morte de João Paz envolveu uma série de ações obscuras. Apesar de ter falecido em decorrência das torturas realizadas dentro de uma delegacia, a *causa mortis* de João Paz foi atestada, por um médico da fictícia Antares, como embolia pulmonar. Entretanto, a real causa do óbito da personagem veio à tona, através das palavras da personagem Cícero Branco.

- Me digam se alguém reconhece nesta face quase reduzida a uma mingau de carne batida a fisionomia do nosso Joãzinho Paz! (...) Dr. Lázaro! Médicos de Antares! Será assim que ficam sempre os que morrem de embolia pulmonar? (VERISSIMO, 1994, p. 367)

No documentário *Brasil: nunca mais*, fica explícito que, durante a Ditadura Militar, era lugar comum os médicos falsificarem atestados de óbito para encobrirem as torturas feitas aos perseguidos políticos do regime, além de “supervisionarem” as sessões a que os suspeitos eram submetidos. Em um capítulo dedicado aos médicos legistas, o dossiê assim descreve essa prática:

Da leitura desses relatos, se obtém a certeza da convivência e mesmo participação direta de médicos e enfermeiros na prática de torturas. Algumas vezes, essas práticas chegaram ao limite da resistência dos atingidos, ocorrendo morte. Os médicos que, freqüentemente, forneceram laudos falsos acobertando sinais evidentes de tortura, também ocultaram a real *causa mortis* daqueles que foram assassinados. Os motivos das mortes indicados nos laudos necroscópicos, em sua maioria, coincidiam exatamente com a versão ‘oficial’ dos acontecimentos, tais como atropelamentos, suicídios, mortes em tiroteio, omitindo qualquer evidência de tortura. Tais documentos, foram muitas vezes, contrariados e repudiados pelos depoimentos de vítimas sobreviventes que presenciaram as mortes, no interior dos órgãos de repressão, em consequência das torturas sofridas. (BRASIL..., p. 234)

A partir dos dados registrados no relato do documentário *Brasil: nunca mais* é possível observar que tanto as torturas sofridas por João Paz, quanto a maneira como sua morte foi exposta aconteceram também na sociedade brasileira contemporânea, durante os chamados “anos de chumbo”, apontando que *Incidente em Antares* “imitou”, de forma crítica, uma realidade que estava presente nas décadas de 60 e 70, no Brasil.

## **IX DENÚNCIAS, INDIGNAÇÃO E ESQUECIMENTO**

Além de João Paz, os outros seis defuntos também fizeram denúncias de ordem social, moral e polícia, como o próprio advogado Cícero Branco, que além de denunciar as falcatruas do prefeito de Antares, Vivaldino Brazão, assumiu-se como participante dessas corrupções; a

prostituta Erotildes, que morreu pela sonegação de um direito básico do cidadão: a saúde pública, ou ainda o maestro Menandro Olinda, vítima da moral pudica de sua mãe.

Com todas essas acusações, os “defuntos-vivos” do romance de Verissimo, apesar de terem convencido a população antarense da autenticidade dos fatos por eles relatados, não conseguiram nenhuma conquista do ponto de vista de os habitantes da cidade de Antares tomarem alguma medida para que aqueles crimes não voltassem a ser cometidos. A única vitória conseguida pelos sete mortos foi a de serem enterrados no cemitério da cidade, conforme reivindicavam.

Após a volta dos defuntos para seus féretros, o coronel Tibério Vacariano (um dos ícones da cidade de Antares e que também foi acusado pelos defuntos) propõe a realização de uma “Operação Borracha”, com um grande churrasco para a imprensa – que estava a caminho de Antares para registrar o incidente. Com isso, o coronel consegue convencer os repórteres de que o episódio não passou de uma “histeria coletiva” e que nada demais havia acontecido em Antares naquelas últimas horas.

Para Zilberman (2005), a realização dessa “Operação Borracha” é um artifício que o narrador se utiliza para chamar a atenção dos leitores de que, apesar das denúncias, pouco ou nada se fez para mudar a realidade da população.

Enquanto isso, Seligmann-Silva (2003) afirma que Verissimo teria utilizado esse recurso (Operação Borracha) para mostrar que a resistência, através da literatura, pode servir como forma de denunciar e chamar o leitor a consciência, mas que a ação contra os abusos e as catástrofes sociais não pode ser tomada pela literatura, mas sim pelo próprio leitor.

Como ela [literatura] pode apenas resistir à lógica embrutecedora da sociedade, mas não eliminá-la, a possibilidade de que a catástrofe venha novamente acontecer é sempre uma ameaça real. (...) A arte, nesse sentido, pode ser considerada uma forma de resistência e compreende uma dimensão ética, enquanto manifestação de indignação radical diante do horror (FRANCO *in* SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 356).

Considerando-se a afirmativa, caberia aos leitores da obra de Verissimo a decisão de posicionarem-se frente aos abusos da Ditadura Militar e mobilizarem-se para impedir o avanço dessas barbáries e não deixar que esses fatos caíam no esquecimento como fizeram os habitantes da fictícia Antares.

## RESULTADO

O presente estudo permite inferir que a História e a Literatura podem se entrelaçar, sendo que ambas trazem uma visão lateral dos acontecimentos. Além disso, possibilita que sejam traçados paralelos entre os acontecimentos relatados em *Incidente em Antares*, com situações reais, vivenciadas no Brasil, durante a Ditadura Militar, nas décadas de 60 e 70.

Para tanto, a personagem João Paz foi estudada como possível ser que corporificou os perseguidos políticos desse período, em nosso país. Com base em estudos de teóricos da atualidade, o presente trabalho estabeleceu relações entre a ficção e a realidade, comparando o romance *Incidente em Antares* com relatos reais de pessoas que viveram nesse período, através do documentário *Brasil: nunca mais*, para, com isso, atualizar a leitura que a ficção fez da realidade e não olvidar a barbárie que representou à sociedade os eventos desencadeados pela Ditadura Militar entre março de 1964 e 1985.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracterizado como período de fechamento político ou, simplesmente, “anos de chumbo”, o momento em que o Brasil foi governado por militares, entre 1964 e 1985, deixou grandes lacunas na História do país. Essas “lacunas” ocorreram, em grande parte, porque, nesse espaço de tempo, o aparato repressivo do Estado fez com que a produção cultural fosse cerceada, de maneira que as mais variadas áreas do conhecimento, indo desde a literatura até a divulgação de notícias cotidianas, e a própria construção de nossa História fossem suprimidas.

Em um período em que denunciar o que ocorria nos porões das delegacias militares era como assinar a própria sentença de morte, Erico Verissimo produziu uma obra que burlou a censura e, ao mesmo tempo, tratava justamente de fazer uma crítica ao regime ditatorial. Dessa maneira, a inteligência sobressaiu em relação a força bruta.

Fica explícito que Erico Verissimo, através da personagem João Paz, promoveu uma crítica não só ao aparato repressivo da sociedade de sua época. A análise crítica de sua obra permite vislumbrar uma sátira a falsa moral que impera entre homens e mulheres que aderem ao jogo de interesses da sociedade, pensando em salvar a própria pele e levar vantagem em tudo, capazes de debater uma moral coletiva e fazer uso de uma pseudo-moralidade individual.

Assim sendo, a leitura de *Incidente em Antares* pode ser interpretada como uma forma não só de criticar a hipocrisia e os desmandes da Ditadura Militar. Mais do que isso, o romance de Verissimo pretende abrir os olhos dos leitores para a acomodação do nosso povo em relação a nossa História e a nossa política, fatores esses que estão se refletindo até hoje, através da eleição de políticos corruptos que também se preocupam unicamente em obter vantagens individuais em detrimento do bem estar coletivo.

## REFERÊNCIAS

- BORDINI, Maria da Glória. *Caderno de Pauta Simples. Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 20005.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- BRASIL: *Nunca mais*. 6. ed. Petrópolis. Ed. Vozes, 1985.
- CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 6. ed. Ed. Perspectiva. São Paulo, 1981.
- CHAVES, Flavio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre. Ed. Globo, 1976.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. 3. ed. Porto Alegre. Ed. Globo, 1969 in BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ed. Ática, 1987, 3. ed.
- FRANCO, Renato. *Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70*. In: SILVA, Márcio Seligmann. Ed. Unicamp, 2003. p. 355-373.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura envergonhada*. 3. ed. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 2004.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura escancarada*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1ª ed, 2002.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. 20. ed. São Paulo. Ed. Ática, 2003.
- MARTINS, Wilson. *A idéia modernista*. Ed. Topbooks, Rio de Janeiro, 2002.
- Regina in SIGNO: *A atualidade de/em Incidente em Antares*. [Santa Cruz do Sul] v. 30, n.49, (jul./dez.2005) p. 77-87 Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Ed. Unicamp, 2003.
- VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 39. ed. São Paulo. Ed. Globo, 1994.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve história e Foucault revoluciona a história*. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília. Ed. UNB, 1998.
- VIEIRA, Omar. *A história do Brasil ditatorial*. Ed. Vozes. Rio Preto, 1985.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1985.